

Brasil mitológico

A democracia está na boca de todos, embora não possa vingar no país mais desigual do mundo

POR MINO CARTA

Todos falam em democracia neste país que nunca a conheceu e, sobretudo, a praticou. Em Atenas, no fim do século IV a.C., o líder Péricles tudo sabia dela e que sua eterna definição é o regime do povo para o povo e pelo povo. Dos jornalistas esportivos, alguns dotados da certeza de serem os melhores do mundo, as autoridades entre as quais destaco Arthur Lira, presidente da Câmara, figura magnífica para interpretar o filme de Kurosawa, *Homem Mau Dorme Bem*, sem falar de Luiz Fux, aquele que faria a felicidade do sioux em busca de escalpos, chamado a ministrar a Justiça, mas, impávido, caminha no sentido oposto. Mais um detalhe relacionado à figura: comoventes os rapapés que dedicou a Bolsonaro.

Absolvido Lula de todas as acusações apresentadas pela torpe figura de Sergio Moro, pelo próprio STF, Fux diz nestes dias: “Foi inocentado, mas corrupção houve”. De resto, como seria possível a democracia no país mais desigual do mundo, onde casa-grande e senzala incumbem-se de manter intacta a sua medievallidade. Acabrunhadora a história do poder que as Forças Armadas exercem com absolu-



Ele é bom na prática da injustiça

ta tranquilidade na história nativa, desde o golpe destinado a derrubar a monarquia para impor a república, da qual os primeiros presidentes foram Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ambos generais.

Sempre foi poderosa a presença de um ministro da Defesa devidamente fardado, a não ser em raros momentos de lucidez, por exemplo, de Lula, quando em lugar do general foi chamado um civil perfeitamente habilitado a ocupar o posto. E aceitam-

-se, no país sem democracia, sem iguais no globo, alguns mitos, até agora intransponíveis, entre os quais, o Duque de Caxias, autor do genocídio do povo paraguaio em eras inesquecíveis, embora priscas.

Com Bolsonaro chegamos ao ponto alto deste recurso ao poder militar, buscado, inclusive, para manter-se na Presidência a todo custo e enquanto for possível. Recebo da excelente editora da seção Plural o seguinte recado: “A nuvem negra que encerrava o processo se espalha e responsabiliza o poder e o País no documentário *Amigo Secreto*, de Maria Augusta Ramos, sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff. O novo filme da cineasta, a partir de uma linguagem documental e incisiva, evoca os mecanismos ilegais adotados pela Operação Lava Jato e o engajamento de Sergio Moro na prisão de Lula”. Que democracia é esta? Graças à propaganda midiática, um personagem deplorável sob todos os pontos de vista como Moro se torna herói.

O *Estado*, para variar, um dos autores do apelo às Forças Armadas a favor do golpe de 1964, sustenta que “Lula calado é um poeta”. O jornal paulista afirma que, quando o ex-presidente fala a respeito da guerra da Ucrânia, diz o que *CartaCapital* afirma desde o momento do ataque de Putin. E reitera a igual prepotência e violência do



Bolsonaro promove a motocriata na Disney de Orlando. Homenageia Mickey ou Tio Patinhas?

imperialismo soviético e do Tio Sam. Já *O Globo* define Lula como um “desorientado com a cena global”. Ao que tudo indica, os jornalões empenham-se em defesa da ideia desastrosa da via do meio.

A polarização neste momento é clara e a possibilidade de que ele vença no primeiro turno as próximas eleições

de outubro soa como provável, ou mesmo algo mais, a demonstrar que o povo brasileiro percebeu a demência bolsonarista e não pretende partilhar dela. Falo de um povo que não chegou a ser nação por enquanto, exatamente porque por aqui a democracia não vigorou e não vigora. Ainda assim, a necessidade de nos livrarmos do bolsonarismo é agora prioridade absoluta, ainda que, depois dos golpes práticos

dos em conjunto pelos ditos poderes da República, tenham expulsado da cena uma presidenta legitimamente eleita.

Tudo converge para uma única verdade: o País nunca foi autenticamente democrático, mas para um povo capaz de evoluir ao perceber a sua desgraça já representa um avanço em relação a um passado nem tão remoto. Faltou a doutrinação de quem haveria de lhe abrir os olhos e hoje, conforme o IBGE, 30% da população morre de fome e cerca do dobro teme sofrer a mesma sorte. Nunca tantos nativos dormiram nas calçadas, nunca tantos temeram o pior, nunca tantos já o vivem. Enquanto isso, Bolsonaro vai a Orlando e lá celebra o aniversário da Disney, evento retumbante que o induz a promover uma motocriata para deslumbrar Tio Sam. E, naturalmente, o ex-presidente Trump, ainda cultuado, insisto, pelo nosso presidente, a maioria dos brasileiros o elegeu.

Prossigo na pergunta: seria esta a democracia? Cabe apenas perguntar a Bolsonaro se prefere Mickey Mouse ou o tio do Pato Donald, o Patinhas, que costuma mergulhar em uma piscina cheia de dinheiro até a borda. •



Caxias e Moro, heróis de fancaria